



**UEPB**  
Universidade  
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**INÁCIO FAGUNDES FILHO**

**CULTURA AFRO – BRASILEIRA DA MÚSICA POPULAR AOS LIVROS DIDÁTICOS**

**CAMPINA GRANDE –PB**

**2017**

**INÁCIO FAGUNDES FILHO**

**CULTURA AFRO – BRASILEIRA DA MÚSICA POPULAR AOS LIVROS  
DIDÁTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria Estadual de Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Auricélia Lopes Pereira

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F156c Fagundes Filho, Inácio

Cultura Afro Brasileira da Música Popular ao Livros Didáticos [manuscrito] / Inacio Fagundes Filho. - 2017. 56 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira, PROEAD".

"Colaboração: Prof. Eduardo Gomes Onofre", Profa. Cleoneide M. Nascimento

1.Cultura afro brasileira. 2.Cultura africana. 3.Preconceito racial. 4.Livro didático. I. Título.

21. ed. CDD 372.890

INÁCIO FAGUNDES FILHO

**CULTURA AFRO – BRASILEIRA DA MÚSICA POPULAR AOS LIVROS  
DIDÁTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização Fundamentos da Educação: Práticas  
pedagógicas interdisciplinares da Universidade  
Estadual da Paraíba, em convênio com Secretaria  
Estadual de Educação da Paraíba, em cumprimento  
à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

*Auricélia Lopes Pereira*

Prof<sup>Dr</sup>a Auricélia Lopes Pereira / UEPB

Orientadora

*Eduardo Gomes Onofre*

Prof<sup>Dr</sup>o Eduardo Gomes Onofre

Examinador

*Cleoneide Moura do Nascimento*

Prof<sup>Dr</sup>a Cleoneide M. Nascimento

Examinador

CAMPINA GRANDE-PB

Setembro/2017

## **DEDICATÓRIA**

A todos os meus professores/ as e alunos/ as e aos demais profissionais da educação que sentem a necessidade de lutar diariamente por uma sociedade melhor e que valorize de fato e de direito a todos nós.

## AGRADECIMENTO

Ao meu Deus por sempre ter me proporcionado a oportunidade de estudar sempre.

A minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Auricélia Lopes Pereira pela confiança e compreensão.

A minha querida esposa Joilma Fagundes e a minha amada filhinha Iasmym por sempre estarem lado a lado comigo e com amor sempre me dando atenção

Aos meus pais Inácio Fagundes e Josefa Sales que sempre servindo de exemplo de verdadeiros guerreiros me transformaram em um lutador

Todos os amigos e familiares que estiveram presente dando-me força e apoio em todos os momentos.

## **EPÍGRAFE**

Respeitem meus cabelos, brancos

Chegou a hora de falar

Vamos ser francos

Pois quando um preto fala

O branco cala ou deixa a sala

Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África

Junto com meus santos.(Bis)

**Chico César**

## RESUMO

Esta monografia é resultante de uma inquietação adquirida ao longo dos anos de docência na escola pública da rede estadual paraibana e ao cursar Especialização em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual da Paraíba, campus de Campina grande. Objetivou analisar e compreender como acontece o processo de divulgação da cultura afro – brasileira na rede pública através do livro didático e como a música popular brasileira trata esse tema, no ambiente escolar como essas informações são analisadas. O estudo de cunho interdisciplinar contou com uma elaboração teórica das leis e conceitos étnicos, literatura, musicalidade e letramento literário, em diálogo com as teorias da complexidade, da interdisciplinaridade de Fazenda e da transdisciplinaridade. A pesquisa é de caráter qualitativo e do tipo estudo de caso, a partir de uma bibliografia com observação e análise de obras. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: análise documental de livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio (2013), músicas do repertório popular brasileiro, a Lei 10. 639/ 03, A Lei 9.394/ 96. Os resultados apontam que o processo de direcionamento de leitores na perspectiva do uso acanhado de elementos da cultura afrodescendente como a falta de estilos musicais como funk, reggae, samba, pagode e axé, ou ainda textos que enfatizem religiões de matizes africanas, portanto, percebemos que ainda perduram resquícios do paradigma tradicional em detrimento de uma prática de formação de leitores pautada no paradigma educacional emergente, conforme sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação para temas transversais: Pluralidade Cultural (1997). Este estudo revelou também que a concepção de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que norteia toda a proposta curricular da escola encontra dificuldades institucionais para sua efetivação, porém é perceptível que as práticas de leitura permeiam todos os espaços educacionais na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura afro – brasileira, Cultura africana, Preconceito racial, Livro didático, Música Afro, Religiões afros, Identidade. Professor. Práticas. Reflexão.

## ABSTRACT

Esta monografía es el resultado de una preocupación adquirida durante los años de docencia en red escuelas públicas del estado de Paraíba y asistir a la especialización en los fundamentos de la educación de la Universidad del estado de Paraíba, campus de Campina grande. Destinado a analizar y comprender cómo el proceso de difusión de afro brasileña en la red pública a través de los libros de texto y como el brasileño música popular viene este tema, en el entorno escolar como se analiza esta información. El estudio de carácter interdisciplinario fue una elaboración teórica de los conceptos, leyes y literatura étnica, literaria y musical de alfabetización, en diálogo con las teorías de la complejidad, la interdisciplinariedad y transdisciplinariedad granja. La investigación es cualitativa y el carácter de tipo estudio de caso, de una bibliografía con la observación y análisis de las obras. Los instrumentos utilizados para la recolección de datos fueron: Análisis documental de lengua libros portugue. para secundaria (2013), canciones del repertorio popular brasileña, la ley 10. 639/03, ley 9.394/96. Los resultados indican que el proceso de apuntar a los lectores en la perspectiva del uso de elementos de la cultura Afro escuetos como una falta de estilos musicales como el funk, reggae, samba, pagode y axé o textos que hacen hincapié en religiones africanas tonalidades, así que nos damos cuenta de que todavía persisten remanentes del paradigma tradicional en lugar de un entrenamiento de guiado a lectores en paradigma educativo emergente como sugiere los parámetros de currículo de Educación Nacional para temas transversales: pluralidad Cultural (1997). Este estudio también reveló que el diseño de la interdisciplinariedad y transdisciplinariedad que guía la propuesta curricular de toda la escuela cumple con dificultades institucionales para su implementación, sin embargo, es evidente que las prácticas de lectura permean espacios educativos todos en la escuela.

Word. key: cultura afro-brasileña, africana, los prejuicios raciales, libro de texto, Afro, Afro-religiones, identidad. Profesor. Prácticas. Reflexión...

## SUMÁRIO

### Sumário

I. Introdução.....	9
Capítulo I. A natureza da cultura .....	12
I.I O ser humano e a cultura.....	13
II Cultura x religião.....	14
III A cultura escolar e a social .....	16
Capítulo II Cultura afro-brasileira .....	19
II.I Cultura afro – brasileira ao longo dos anos .....	19
II.II Musicalidade brasileira, do preconceito velado às letras de protesto étnico ...	21
Capítulo III: A cultura Racista das Instituições .....	34
III.I: Racismo institucional .....	34
III.II: A cultura afro - brasileira nos livros didáticos .....	39
IV Considerações finais .....	50
Referências bibliográficas.....	52

## I. Introdução

A diferença social pode gerar intolerância, discriminação e preconceito, temos no Brasil uma violência que surge a partir da intolerância em relação ao diferente: pobres, negros, homoafetivos, maus alunos e rejeita gordos e feios. O que diferencia é a maneira como, por comparação, se explicita uma não igualdade, enquanto que o preconceito é o juízo de uma concepção não problematizada, quando o diferente é transformado no desigual e no inferior. Alguns estudiosos como é o caso de Sarti (2007), ao evidenciar que os ricos se referem aos pobres dizendo que são ignorantes, não trabalham, não têm moral, constitui – se num exemplo desse tipo. Os mais humildes ao afirmarem sua identidade coletiva, tendem a desqualificá – los e a caçar das elites que não trabalham ou a afirmar que ser escolarizado, ter leitura, não significa conhecer a vida. Um belo exemplo em pequenas cidades é com relação ao bolsa família, os mais abastardos acusam aos mais carentes de preguiçosos, alegando que depois dos bolsas ( família e escola) eles não querem mais trabalhar, no entanto, o município de São Vicente do Seridó é um dos maiores exportadores de mão de obra para outras regiões do país, principalmente para trabalharem na construção civil.

Em geral, somos assimilados pelo sistema, e por meio dele, descrevemos, avaliamos, e discriminamos os outros. A discriminação leva à intolerância frente ao diferente. Ao eu só importa o que o eu valoriza. O outro pode ser segregado, excluído, desrespeitado. A semelhança é valorizada e a diferença é desvalorizada ( Salles & Silva, 2008). Para Foucault ( 1982 – 2000 ), o Estado moderno instituiu a sociedade disciplinar, de pastoreio de cada indivíduo, possibilitando, desse modo, individualizar, comparar, qualificar e avaliar suas ações.

Em se tratando de Estado vivemos uma situação “interessante”, de um lado cada vez mais leis são incorporadas aos códigos ( penal e civil), a LDB tem sido inovada com atualizações que visam compactar nossa sociedade, porém, tais leis não funcionam em sua completude; um belo exemplo, é a lei 10. 639/ 03, ela institui o ensino e a valorização da cultura afro – descendente nas escolas públicas brasileiras, no entanto, apesar de se passar uma década ela ainda não decolou, e isso certamente provém de diversos fatores, dentre eles: a ideia de superioridade de uma etnia “superior” ainda que involuntariamente interfere na prática pedagógica.

Nesse processo, as identidades dos grupos vão sendo estabelecidas e a estigmatização deixa de estar restrita a um indivíduo, mas se vincula e contagia e todos os membros do grupo. Isto é, os estereótipos extrapolam o indivíduo e caracterizam grupos sociais, como o familiar,

devido ao sofrimento gerado pelo preconceito ao longo de suas histórias decidem negar sua etnia. Por isso é de extrema importância um trabalho de valorização de elementos culturais que formam as mais diversas etnias.

Na sociedade que justifica aceitação, segregação, define expectativas sobre os outros, as diferenças tendem a ser percebidas como fixas, atemporais e imutáveis e se desconsidera como afirma Baumann ( 1998, p. 252), que os indivíduos peregrinam pelas diferentes subculturas, assimilando ideias e comportamentos de todas elas. As culturas mudam, são híbridas, como diz Hall ( 2002). Nenhum grupo, como afirma Young ( 2002, p. 134), fica isolado, repetindo sua cultura.

As fortes campanhas empreendidas pelo Movimento Negro tem possibilitado ao Estado brasileiro formular projetos no sentido de promover políticas e programas para população afro-brasileira e valorizar a história e a cultura do povo negro. Entre os resultados, a Lei nº 9.394/96 foi alterada por meio da inserção dos artigos 26-A e 79-B, referidos na Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o da Educação Básica e inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Várias pesquisas, nesse sentido, têm demonstrado que o racismo em nossa sociedade constitui também ingrediente para o fracasso escolar de alunos (as) negros (as). A sanção da Lei nº 10.639/2003 e da Resolução CNE/CP 1/2004 é um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação brasileira adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação. Diante da publicação da Lei nº 10.639/2003, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CP 3/2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e professoras e supervisionar o cumprimento das Diretrizes.

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos (as) alunos (as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais.

A utilização da Lei nº 10.639/2003 no contexto escolar é um desafio para que toda a sabedoria relacionada à História e à Cultura Africana e Afro-Brasileira se torne um conhecimento presente, efetiva e positivamente, na sala de aula. Este conhecimento pretende se constituir hegemônico, no sentido de agregar um novo “centro”, uma vez que a lei contesta a universalidade de um eurocentrismo. Trata-se, sim, de uma concepção diferenciada de “centro”, que “postula a necessidade de explicitar a localização do sujeito no sentido de desenvolver uma postura teórica própria a cada grupo social fundamentada na sua experiência histórica e cultural” (NASCIMENTO, 2003, p.96).

A construção de uma convivência harmoniosa pressupõe renúncias e aceitações de aceitação do outro, para isso é de extrema importância o esvaziamento ideológico do “eu”; visto que, os choques de comportamentos impossibilitam essa ação em sua plenitude, por ser humanamente impossível esse esvaziamento total, no entanto, a medida que o “eu” se esforça em entender o outro mais convivência haverá.

Entendemos que a educação é coletiva e não individual, porque os alunos não são dos professores individualmente e sim da escola. O conhecimento só é válido quando ele humaniza as pessoas, ou seja, modifica aquele que o busca.

## Capítulo I. A natureza da cultura

Quando estudamos cultura sempre encontramos uma relação com a natureza, e uma das formas desse relacionamento é a produção da própria cultura, dessa forma esta pode ser definida como um conjunto de crenças, do fazer como fazer. A profissão está relacionada com a cultura, sendo assim um conjunto de práticas e de valores. Toda cultura constitui um tipo de moral e de ética, por isso não devemos dizer que nenhuma delas tem valor e nem moral, há sim discrepâncias que ficam latentes durante os conflitos e enfrentamentos como ocorreu na colonização das Américas. O conjunto de signos é importante para cada cultura e isso pode variar de uma para outra.

### *Algumas características da cultura:*

1. Cultura como progresso materiais;
2. Raiz latina “colere” (cultura, habitar, adorar);
3. Relação entre liberdade e determinismo;
  - a) Regras não são aleatórias ou infinitas;
  - b) Relação com a natureza é sempre cultural;
  - c) Dupla recusa: determinismo absoluto X autonomia absoluta;
  - d) Condição natural e “inatural”;
  - e) Determinismo da natureza da morte;
  - f) Determinismo do Estado;
  - g) A linguagem;
4. Fundamentos e expressões da cultura:
  - a) Religião;
  - b) Arte;
  - c) Conhecimento;

Os determinismos se expressam de várias formas, a criação das leis é difícil, porém é mais difícil serem extintas principalmente quando estão arraigadas na cultura daquele povo. O ser humano não é só natural, ele não está inscrito totalmente em nada, definitivamente ele não está ligado em seus laços mais profundos, como: família, religião e seus bens materiais e isso em relação com a natureza produz cultura; os medos da floresta mais escura, não são

sentimentos. No medievo o que importava mais era os detalhes e suas belezas, as catedrais enormes cabiam no máximo setecentas pessoas, hoje o que importa é a capacidade.

Não somos seres coletivos por causa da cultura, mas da natureza, há uma dupla recusa entre natureza e cultura: Primeiro: Determinismo absoluto, Segundo: Liberdade absoluta, nisso consiste a dupla recusa de determinismo absoluto, a sociedade não o aceita, entretanto também não aceita a liberdade absoluta. Há discussões sobre o determinismo do estado moderno, se essas instituições interferem na sociedade para que as pessoas convivam assim de uma forma possível, por exemplo: o Estado moderno diz que é o único que pode usar até armas para controlar a sociedade. Outra forma de determinismo é a linguagem (o discurso), a grande questão dos seres humanos é a capacidade de criar discursos, tudo que produzimos, fazemos, criamos provém de interpretações e isso nos faz seres culturais; nada do que vemos vem in natura. A linguagem enquanto característica humana é interpretativa, os diálogos do cotidiano com diversas pessoas podem alargar nossa linguagem, nossas crenças, ler um livro da mesma forma. Portanto culturas são manejos de se lidar com a vida.

## **I.I O ser humano e a cultura**

### **I.I A linguagem/ virtualidade**

A internet coloca hoje um tipo de conhecimento que antes não tínhamos, os artigos, as dissertações, as teses sérias e indexadas, geralmente em PDF. E todos esses fatores contribuem de uma forma ou de outra e assim, o sujeito pós - moderno interage em tempo real com outros, compartilhando os seus ideais de pertencimento sociocultural. A constituição do sujeito tem dois lados:

- 1) A possibilidade de brincar ludicamente, migrar nas suas marcas identitárias, já que essa migração não é estranha na vida real e no mundo virtual ela é mais elástica, assim é mais difícil prevê quais as consequências futuras desse fato, são identidades que futuramente podem não ser mais assumidas; as linguagens da WEB são marcas que apontam para a transitividade do sujeito, as salas de bate papo, os vídeos conferências, são metáforas do cotidiano, o mundo virtual apresenta extravasamento, esse novo uso da linguagem abre novas formas de constituir o sujeito.
- 2) A internet e a nossa subjetividade política: O espaço público das manifestações é preparado pela mídia alternativa, às redes sociais por serem heterogêneas agregaram diversos grupos mais politizados; um fator interessantíssimo ocorrido no estado de São Paulo teve a confirmação de 136 mil pessoas pela rede virtual (facebook) e

cerca de 80 mil saíram às ruas. Dessa forma, a internet contribuiu para essa forma de fazer política, já não é mais cara a cara, e não é mais só partidária, consequentemente sociais. A subjetividade política passa a ter novas vertentes. Atualmente, as instituições históricas como os partidos e os sindicatos devem se renovar, ou serão extintos, por representarem visão tradicional de pensar (temos como exemplo a corrida presidencial após a morte do presidenciável pelo PSB Eduardo Campos), os planos de governos estão sendo exauridos, quando o assunto se refere as questões de gênero enquanto opção sexual, identidades e etnias.

Na contemporaneidade, há novos espaços de diálogos, como em uma sala de aula, se antigamente o professor levasse um texto ficava tudo bem, dava uma boa aula só com o tal texto, atualmente o aluno ler o texto levado pelo professor com antecedência e mais uns três ou quatro, e se o mestre não se preparar é superado facilmente.

## **II Cultura x religião**

O conhecimento/ desconhecimento religioso tem causado vários embates em nossas escolas apesar de pertencermos a um Estado laico as religiões têm gerido algumas situações, em termos gerais os alunos que mais sofrem por suas convicções espirituais são os afrodescendentes e os protestantes mais tradicionais. A discussão religiosa e o questionamento das doutrinas fundamentadoras de religiões não são de hoje, Friedrich Nietzsche afirmou e defendeu sobre a morte de Deus, alguns estudiosos tendo esse pensamento como base para suas afirmações corroboram dizendo que tal metáfora significa que essa morte é a forma como nós concebemos nosso relacionamento com o Soberano Criador, assim não há mais uma visão predominante em uma sociedade, Ele já não é mais unanimidade. As doutrinas rígidas estão perdendo espaço no contemporâneo, que por sua vez continua religioso, por exemplo, uma das religiões que mais cresce em São Paulo é o budismo, não puro, mas com características do cristianismo.

Os aspectos institucionais e sociais são referências para o ser humano, atualmente as religiões se baseiam em experiências pessoais, Pr. Everaldo e Marina

Silva na corrida presidencial estão reivindicando o apoio de evangélicos para as suas fileiras. O contemporâneo está vivendo na tentativa de preencher as lacunas existentes na modernidade, se na modernidade focalizavam as diferentes características entre a religião e a ciência, hoje percebemos bastante convergência entre ambas.

A Casa e a Rua é uma obra de Roberto Damatta, é uma obra da antropologia brasileira que trata da moral de casa e a moral da rua, por esse viés entendemos que a escola tem uma missão importantíssima na formação do cidadão, o papel da instituição educacional é transformar as condições educacionais e sociais de seu público.

Ao longo da história se não houvesse pessoas com coragem para enfrentar um estado de coisas como o racismo, e mesmo assim sem lutarem, e a escravidão no Brasil deixou de existir, durante toda a história de escravização o povo negro não esteve passivo, sempre houve foco de resistência, belo exemplo de obstinação e coragem: Malês e Palmares. Hoje na condição de educadores precisamos ser agentes sociais e fazermos nossa escola funcionar como um caldeirão de identidades.

Aumentou consideravelmente o número de pessoas que exprimem suas ideias e concepções. A contemporaneidade vive de dinamização do sujeito, muitos temas que não chegavam às escolas, e se chegavam vinham de forma resumida e castrada, hoje fazem parte do currículo escolar, a história e culturas de matizes africanas, é um exemplo.

Entende - se que a emergência desses fatores tem assumidos novas possibilidades sociais, essa efervescência cultural necessita de pontos de apoio para trilhar o caminho por seus integrantes sem desmerecer/ oprimir e ou ser desmerecido/ oprimido por outros grupos, a questão é de que forma as especificidades alteram a nossa forma de ver o mundo, os regueiros, os roqueiros e os fanqueiros ainda sofrem preconceito em diversas localidades brasileiras, nas instituições escolares não é diferente. Os novos sujeitos já não sociais mais políticos, e suas ações estão desde as salas de aula, quando um jovem prega o evangelho para os não crentes, ou quando esse mesmo jovem é criticado por crer em um Deus, e quando uma aluna pertence a uma religião de matiz africana, sendo que nesse último caso o preconceito é mais excludente, até nas campanhas presidenciais a religiosidade tem angariado e feito perder votos. Por isso que a emergência do outro tem demarcado novos territórios.

Toda cultura é ambivalente, quando trabalhamos com ela devemos ter o cuidado em classificarmos em superior e inferior, já que as maiores catástrofes da história humana foram promovidas por sociedades escriturísticas ditas superiores como a alemã na II Guerra Mundial e hoje as promovidas pelos EUA. Por sua vez a sociedade ágrafa por haver conflitos hermenêuticos tem que canalizar gerando assim novos conhecimentos, ela começa instrumentalizar e dominar novos campos. O outro na cultura oral está no ponto do próximo e se reifica, por sua vez na escriturística ele é instrumentalizado e transformado em inimigos e assim destruído.

### **III A cultura escolar e a social**

A escola cidadã deve ser laica, neutra no plano religioso e filosófico, reconhecer a cada um o direito de escolher seus engajamentos e sua religião na medida em que os revela na escola. Assim constrói um duplo espaço, o da escola onde cada aluno é considerado igual a todos, independentemente de suas origens e das escolhas de suas famílias, e o da vida privada onde cada um pode comportar – se como lhe aprouver, em conformidade com as leis da república.

Segundo DUBET (2011), a formação do cidadão é uma questão tão complicada porque ele deve possuir certas competências para intervir em um espaço democrático a fim de ser ouvido, de defender seus próprios interesses e os de seu grupo. Isso supõe que o aluno aprenda a exercer na prática os seus direitos.

Conforme Saussure em seu Curso de Linguística Geral (1969, pág. 17), a língua

Não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada essencial dela indubitavelmente. A língua é ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 1969, pág. 17)

Para Saussure a língua é um princípio de classificação.

De acordo com Faraco (1996) um dos significados da palavra diálogo é o que remete a “solução de conflitos”, “entretenimento”, “promoção de consenso”. No entanto, o dialogismo é tanto convergência quanto divergência, é tanto acordo, quanto desacordo, é tanto adesão quanto recusa, é tanto complemento quanto embate. No círculo de Bakhtin percebemos as relações dialógicas como espaços de tensão entre os enunciados, pois,

mesmo a responsabilidade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão.

Baseado nos mais variados pensamentos, entendemos que é a interação com o outro a partir de uma visão ética que devemos respeitar os alunos independentes das características deles, e isto deve ser a tônica de nossa educação.

#### **I.IV As contribuições das identidades educacionais na educação brasileira**

A diferença social pode gerar intolerância, discriminação e preconceito, temos no Brasil uma violência que surge a partir da intolerância em relação ao diferente: pobres, negros, homoafetivos, gordos. O que diferencia é a maneira como, por comparação, se explicita uma não igualdade, enquanto que o preconceito é o juízo de uma concepção não problematizada, quando o diferente é transformado no desigual e no inferior. Alguns estudiosos, como é o caso de Sarti (2007), ao evidenciarem que os ricos se referem aos pobres dizendo que são ignorantes, não trabalham, não têm moral, constitui – se num exemplo desse tipo. Os mais humildes ao afirmarem sua identidade coletiva, tendem a desqualificá – los e a caçoar das elites que não trabalham ou a afirmar que ser escolarizado, ter leitura, não significa conhecer a vida. Um belo exemplo em pequenas cidades é com relação ao bolsa família, os mais abastardos acusam os mais carentes de preguiçosos, alegando que depois das bolsas ( família e escola) eles não querem mais trabalhar. No entanto, o município de São Vicente do Seridó é um dos que mais exporta de mão de obra do Curimataú para outras para outras regiões do país, principalmente para trabalharem na construção civil.

Em geral, somos assimilados pelo sistema, e por meio dele, descrevemos, avaliamos, e discriminamos os outros. A discriminação leva à intolerância frente ao diferente. Ao eu só importa o que o eu valoriza. O outro pode ser segregado, excluído, desrespeitado. A semelhança é valorizada e a diferença é desvalorizada ( Salles & Silva, 2008). Para Foucault ( 1982 – 2000 ), o Estado moderno instituiu a sociedade disciplinar, de pastoreio de cada indivíduo, possibilitando, desse modo, individualizar, comparar, qualificar e avaliar suas ações.

Em se tratando de Estado vivemos uma situação “interessante”, de um lado cada vez mais leis são incorporadas aos códigos ( penal e civil), a LDB tem sido inovada com atualizações que visam compactar nossa sociedade, porém, tais leis não funcionam em sua completude; um belo exemplo, é a lei 10. 639/ 03, ela institui o ensino e a valorização da cultura afro – descendente nas escolas públicas brasileiras, no entanto, apesar de se passar uma década ela ainda não decolou, e isso certamente provém de diversos fatores, dentre eles: a ideia de

superioridade de uma etnia “superior” ainda que involuntariamente interfere na prática pedagógica.

Nesse processo, as identidades dos grupos vão sendo estabelecidas e a estigmatização deixa de estar restrita a um indivíduo, mas se vincula e contagia e todos os membros do grupo. Isto é, os estereótipos extrapolam o indivíduo e caracterizam grupos sociais, como o familiar e devido ao sofrimento gerado pelo preconceito ao longo de suas histórias decidem negar sua etnia. Por isso, é de extrema importância um trabalho de valorização de elementos culturais que formam as mais diversas etnias.

Na sociedade que justifica aceitações, segregações, define expectativas sobre os outros, as diferenças tendem a ser percebidas como fixas, atemporais e imutáveis e se desconsidera como afirma Baumann ( 1998, p. 252), que os indivíduos peregrinam pelas diferentes subculturas, assimilando ideias e comportamentos de todas elas. As culturas mudam, são híbridas, como diz Hall ( 2002). Nenhum grupo, como afirma Young ( 2002, p. 134), fica isolado, repetindo sua cultura.

As fortes campanhas empreendidas pelo Movimento Negro têm possibilitado ao Estado brasileiro formular projetos no sentido de promover políticas e programas para população afro-brasileira e valorizar a história e a cultura do povo negro. Entre os resultados, a Lei nº 9.394/96 foi alterada por meio da inserção dos artigos 26-A e 79-B, referidos na Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da cultura negra na Educação Básica e inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Várias pesquisas, nesse sentido, têm demonstrado que o racismo em nossa sociedade constitui também ingrediente para o fracasso escolar de alunos (as) negros (as). A sanção da Lei nº 10.639/2003 e da Resolução CNE/CP 1/2004 é um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação brasileira adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação. Diante da publicação da Lei nº 10.639/2003, o Conselho Nacional de Educação aprovou o Parecer CNE/CP 3/2004, que institui as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem executadas pelos estabelecimentos de ensino de diferentes níveis e modalidades, cabendo aos sistemas de ensino, no âmbito de sua jurisdição, orientar e promover a formação de professores e professoras e supervisionar o cumprimento das Diretrizes.

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos (às) alunos (as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja

questionamento desse problema por parte dos profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais.

A utilização da Lei nº 10.639/2003 no contexto escolar é um desafio para que toda a sabedoria relacionada à História e à Cultura Africana e Afro-Brasileira se torne um conhecimento presente, efetiva e positivamente, na sala de aula. Este conhecimento pretende se constituir hegemônico, no sentido de agregar um novo “centro”, uma vez que a lei contesta a universalidade de um eurocentrismo. Trata-se, sim, de uma concepção diferenciada de “centro”, que “postula a necessidade de explicitar a localização do sujeito no sentido de desenvolver uma postura teórica própria a cada grupo social fundamentada na sua experiência histórica e cultural” (NASCIMENTO, 2003, p.96).

Entendemos que a educação é coletiva e não individual, porque os alunos não são dos professores individualmente e sim da escola. O conhecimento só é válido quando ele humaniza as pessoas, ou seja, modifica aquele que o busca.

Entretanto, conforme DUBET (200-11) a exclusão é o indicador de uma transformação da escola que ultrapassa amplamente os casos agudos de exclusão. O problema da exclusão nos ensina que as relações da escola e da sociedade se transformaram e que a escola perdeu sua “inocência”. Ela própria é o agente de uma exclusão específica que transforma a experiência dos alunos e abre uma crise de sentido nos estudos, às vezes até da legitimidade da instituição escolar. A escola convida, um século após a formação da escola republicana, a nos interrogarmos sobre as finalidades da educação.

## **Capítulo II Cultura afro-brasileira**

### **II.I Cultura afro – brasileira ao longo dos anos**

Ao longo da história das civilizações houve diversos embates ideológicos, sendo assim, o étnico não poderia ficar de fora. Munanga (1986, p. 13 – 14) afirma que as

primeiras referências de um povo negro de perfil desfavorável foram criadas pela imaginação fértil do grande historiador grego Heródoto. Já por volta do século XV, em meios às grandes viagens marítimas, em busca de novos territórios se mitificava uma imagem negativa dos povos da costa africana, com bases nos relatos do historiador que, entre outras descrições, afirmava a existência de seres bárbaros semi-homens, semi-animais. À justificativa de que os povos, a partir da racionalidade, seriam capazes de modificar o estado natural, estudiosos como Buffon, Voltaire, Diderot, Gobineau e outros iluministas foram uníssomos ao disseminarem o discurso da superioridade da raça branca em face das raças negra e amarela durante o século XVIII.

Santos (2002, p.27) diz que a observação do negro levou Voltaire a perceber que o negro apresenta uma razão imperfeita, que lhe confere “um pequeno grau de superioridade em relação aos outros animais” Isto o conduz a concluir que o negro também é da espécie humana. Diderot pontuava que havia uma só espécie humana, que se diferenciava na cor, na grandeza e nas diferenças naturais dos povos. Voltaire não acreditava em uma unidade de espécie. Segundo Santos (2002, p. 31), ele prefere atribuir as variações à diferença de origem de cada “tipo” humano.

No campo sociológico nos períodos de formatação de muitos ideais o estudo das raças (racialismo) ganha força nas ciências iluministas, Buffon foi o primeiro a utilizar o termo raça, mas este fora disseminado apenas no século XX. O uso da terminologia “raça”, retirado da zoologia, determinou tal classificação hierarquizada, com diversas explicações para justificar tal escala de valores.

Num clima inóspito com temperatura excessivamente quente, os negros não encontravam condições ideais para o desenvolvimento corporal, moral, intelectual e estético tais como fizeram os povos europeus, situados num clima temperado (SANTOS, 2002, p.10)

A fundamentação da raciologia foi implantada pelo determinismo biológico, impregnado de argumentos ardis, os quais na atualidade são considerados pseudocientíficos, ainda pesam sobre aqueles que, foram considerados inferiores. Gobineau frisava em seus estudos, segundo Santos (2002, p. 53), que “o sangue negro

deteriora o branco. O afro descendente seria marcado pela imaginação, sensibilidade e o branco, pela inteligência, praticidade, ética e moral”. Tais argumentos tornaram – se, neste contexto iluminista, a justificativa ideal para oficializar a desigualdade, bem como o trabalho servil. Percebemos que no senso comum também muitas famílias brancas não concordavam com o relacionamento de deus filhos com pessoas de pele negra. Dentre outros fatores percebemos a ausência de funcionários afrodescendentes no alto escalão do governo, na justiça e na liderança de muitas autarquias. Ao contrário notamos o excesso de piadas de mau gosto, letras musicais, lideranças em estatísticas de morte tais setores a etnia afro – brasileira predomina.

Por esses motivos infelizmente a afirmação de Diderot presente em Santos (2002) continua atual em muitos aspectos, observemos o fragmento:

A definição do homem que servirá e do homem a ser servido faz com que se recorra a uma diferenciação natural entre eles, (...) a desigualdade social é apenas uma decorrência de uma desigualdade que se iniciou no âmbito físico; caba á sociedade usufruir dessa desigualdade em proveito próprio (SANTOS, 2002, p.42).

Com suas ideologias dominando toda a sociedade, o branco sentido – se superior, criou situações e deliberou leis, as quais apenas desqualificavam o negro (exceção). Por várias décadas os afro – brasileiros se viram lutando contra uma força opressora que nada poderia exaurir, de certo, um conflito considerado pelas autoridades como onírico, utópico e geralmente tinha suas causas atribuídas a recente experiência da escravidão.

## **II.II Musicalidade brasileira, do preconceito velado às letras de protesto étnico**

As relações culturais, étnico – raciais são práticas históricas intrínsecas à formação da sociedade indiretamente e sendo tratada como algo exótico, tais como o filme “O pagador de Promessas” e os romances “Tenda dos milagres” e “Dona Flor e seus dois maridos” de Jorge Amado. Notamos a presença de elementos espirituais afros

- brasileiros contribuindo para o sincretismo religioso onde os orixás dialogam com os santos católicos, e a produção mais recente da rede Globo: “Sexo e as Negras”, de Miguel Farabela, a qual demonstra a sexualidade feminina e utilizando – se de estereótipos explora características que a mídia racista utiliza na tentativa de diminuir a beleza negra, o que já chamou a atenção dos movimentos negros. Mesmo assim notamos certa aversão a esses elementos culturais não eurocêntricos.

Situação que é potencializada provavelmente pela institucionalização de políticas curriculares hierarquizadas compostas por tais práticas, contribuindo para a afirmação da cultura branca, cristã e europeia como hegemônica. Em contrapartida, as culturas indígenas e as negras foram postas como inferiores, menores, portanto subservientes. A escola, muitas vezes, apenas reproduz esse pensamento e se exime da responsabilidade de formar cidadãos conscientes. Com o objetivo de suprir, suavizar esta situação de ausência da historicidade da cultura negra, encontram – se brechas para construir, na dimensão do senso comum: um particular mítico, dotado de historieta, piadas depreciativas e explicações sem nenhuma base científica as quais geram nos indivíduos da etnia negra um sentimento de impotência, inferioridade, subserviência e baixa auto – estima. Um legado que desconhece a si e a sua própria história, que se limita, nestes termos, à escravidão, passividade, pobreza, ignorância, vícios e minimaliza sua cultura ao samba ou manifestações religiosas como o Candomblé, erroneamente denominado “Macumba”. Estas são estratégias para dificultar a consolidação de uma identidade pautada em saberes concretos e confiáveis. Vejamos o que diz Damatta:

E é precisamente isso, conforme sabe (mas não expressa) todo racista, que implica a ideia de miscigenação, já que ela importa contato (e contato íntimo, posto que sexual) entre pessoas que, na teoria racista, são vistas e classificadas como pertencendo a espécies diferentes. Daí a palavra “mulato”, que vem de mulo, o animal ambíguo e híbrido por excelência; aquele que é incapaz de reproduzir – se enquanto tal, pois é o resultado de um cruzamento entre tipos genéticos altamente diferenciados. (DAMATTA, 1986, p. 22).

Dessa forma, notamos que ideologias são repassadas na sorradeira de geração à geração, pois temos a cultura do preconceito velado onde muitos discursos carregados

de preconceito permeiam a nossa sociedade e muitos deslizes são tratados como “inocentes” pela grande mídia, um belo exemplo, foi o caso do Aranha goleiro do Santos, vítima de racismo por uma torcedora gremista, o caso foi tratado pela grande mídia como normal ou pelo menos tentaram; já que a Rede Globo levou – a para pedir desculpa ao vivo no Programa Encontro de Fátima Bernardes. Tentando a todo instante forçar um encontro para ela pedir perdão pessoalmente e não conseguindo pela atitude firme do goleiro, a emissora procurou de toda forma amenizar o caso e, assim, livrá-la do processo judicial, inclusive o Édson Arantes foi a público dizer se fosse negro e o chamassem de macaco não se importaria. Nessa relação social existente entre as etnias analisemos algumas músicas que fizeram e parte de nosso cancionário. Senão, vejamos:

### **Galeguim do ZóiAzu**

Genival Lacerda

Compositor: Genival Lacerda /

João Gonçalves

Zeca é preto que só carvão e Zefa  
preta que só quixaba,

A família de Zefa é da cor de  
jaboticaba,

Todos parentes de Zeca são da cor  
de urubu,

Mas nasceu na casa dele um  
galeguim do zóiazu,

Um galeguim do zóiazu, um  
galeguim do zóiazu

Zeca todo envergonhado, foi falar  
com o capelão,

Entrou triste na igreja, coçando a  
testa com a mão,

Seu vigário disse logo, não me  
meta nesse angu,

Mas traga pra batizar seu  
galeguim do zóiazu.

(Repete tudo)

### **Fricote**

Luiz Caldas

Nega do cabelo duro

Que não gosta de pentear

Quando passa na baixa do tubo	Na boca e na bochecha
O negão começa a gritar 2x	
	Pega ela aí
Pega ela aí	pega ela aí
pega ela aí	Pra que?
Pra que ?	Pra passar batom
Pra passar batom	De que cor?
De que cor?	De cor azul
De violeta	Na boca e na porta do céu

O povo brasileiro cantou por anos seguidos músicas desse nível onde suas letras ficam gravadas na mente das pessoas e geralmente sem se dar conta que estavam potencializando tais ideologias predominantes. Imaginemos que tais cantores não sejam racistas, no entanto as palavras por eles utilizadas dão margem para análises pertinentes. A primeira música traz por título: “Galeguim dos ZóiAzu”, entendemos que a palavra galego no diminutivo é pronunciado de forma carinhosa e ainda exalta suas características físicas. Continuando a música logo no primeiro verso veicula preconceito: “Zeca é preto que só carvão e Zefa preta que só quixaba”, tais comparações já demonstram o teor carinhoso que as personagens afros serão tratadas, mais adiante temos: “Todos parentes de Zeca são da cor de urubu, Mas nasceu na casa dele um galeguim do zóiazu,” essa estrofe traz à tónica dessa canção os pais negros que são comparados com urubus, juntamente com seus parentes; enquanto a tal criança é tratada com louvor. Notamos que o suposto adultério permanece nas entrelinhas, o fator principal que é o fator da miscigenação étnica ocorrida em gerações anteriores contribuindo agora para os genes aparecerem em tal momento sequer são mostrados. Tudo bem é uma música baseada no humor, mas por que não há uma música tão conhecida com personagens loiras como pais e um filho negro? Vejamos o que diz Kramer, 2003b.

Se perdermos de vista a perspectiva cultural no seu sentido mais amplo, ou seja, no sentido de que as pessoas precisam se reconhecer na cultura, que são sujeitos da história e da cultura, além de serem por eles produzidos; se não percebermos essa perspectiva e reproduzirmos as crianças, as 21 milhões de crianças de zero a seis anos, a alunos, passamos a ter uma visão de que o pedagógico é algo instrucional e visa ensinar coisas. (KRAMER, 2003b).

Nesse sentido devemos ter uma perspectiva cultural ampla, já que os nossos alunos devem ter uma visão crítica da sociedade em que vive, pois isso certamente o auxiliará no desenvolvimento psicossocial, pois nossas escolas fazem parte uma comunidade efervescente e sempre pronta para reproduzir estereótipos sociais. È nesse contexto que retomamos o nosso cancionário e a música “Fricote” de Luiz Caldas. Vejamos o que diz a primeira estrofe: “Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear, quando passa na baixa do tubo, o negão começa a gritar.” Guardando as devidas proporções, percebemos que uma característica física é falada como se fosse um mantra e isso de forma pejorativa, já que além de ser a introdução da música fala sobre a principal personagem desta canção e sobre um possível hábito dela.

Sabemos que “Fricote” foi uma música pensada para os carnavais fora de época, ou seja, feita para ser cantada em trios elétricos, mas o que nos deixa pensativos é que outras músicas do mesmo cantor não ficaram tão forte na mente das pessoas. Será que o que contribuiu para tal fator foi o preconceito nacional e histórico sobre os cabelos afros? Lembremos – nos do ditado popular: “Cabelo ruim”, o qual historicamente tem feito sofrer diversas pessoas de cabelos encaracolados e crespos, entendemos como um preconceito velado e que tem contribuído para muitas pessoas em sua maioria mulheres recorrerem aos alisamentos disponíveis no mercado de beleza. No passado, quando as jovens mais pobres não tinham condições de irem ao salão de beleza, em especial em pequenas cidades recorriam ao ferro de passar para “alisarem” seus cachos.

Tudo isso nos remete à briga silenciosa existente em nosso Brasil ao longo dos anos. O filme *Macunaíma* já faz uma crítica nesse sentido, na cena do discurso do “herói da nossa gente” quando em praça pública ele cita a etnia do que discursara antes

dele de forma pejorativa e logo é repreendido pelo irmão Jique, o que tem características afro. Apesar de ser um filme cômico, em essência, traz algumas verdades: A primeira é a nossa mistura étnica, a miscigenação racial e cultural, o desejo de muitos afrodescendentes tornarem – se brancos. Apresentando a negação de suas identidades e por fim a ligação de religiões de matizes africanas ao “mundo maligno e de aproveitamento” e mostra uma visão estereotipada conforme falou Damatta (1986).

Mas, no seu horror ao mulatismo e ao contato íntimo e amoroso entre os tipos humanos, Gobineau não estava só. Outros teóricos importantes, como Buckle, Couty e Agassiz – para ficarmos com aqueles que foram influentes entre os teóricos do racismo no Brasil –, também exprimiram esse medo da mistura e trataram a nossa população como um todo potencialmente degenerado de híbridos incapazes de criarem alguma coisa forte ou positiva. ( Damatta, 1986, p. 22).

De fato muitos teóricos e cidadãos comuns tiveram ao longo dos anos receios com relação aos resultados provenientes de relacionamentos entre negros e brancos. Provavelmente, o sucesso do “Galeguim dos zói azul” de Genival Lacerda seja um indicador dessa situação. A musicalidade é utilizada para reproduzir ideologias que muitas vezes estão no inconsciente das pessoas, e nesse caso é o racismo, que seus adeptos por não terem coragem de falar abertamente sobre o tema procuram as músicas para assim reproduzirem seus argumentos. Por outro lado, a música também serve de protesto contra esse mal, e separamos três que foram cantadas e apesar de belas não caíram no gosto popular como mantras, são elas: “Respeitem meus cabelos, branco”, de Chico César; “Candidato Caôcaô”, de Bezerra da Silva; e “Salve o negro nagô” cantada por Luiz Calda.

**Respeitem meus cabelos, Brancos**

**Chico César**

Respeitem meus cabelos, brancos

Chegou a hora de falar

Vamos ser francos

Pois quando um preto fala

O branco cala ou deixa a sala

Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África

Junto com meus santos.(Bis)

Benguelas, zulus, gêges  
 Rebolos, bundos, bantos  
 Batuques, toques, mandingas  
 Danças, tranças, cantos  
 Respeitem meus cabelos, brancos  
 Respeitem meus cabelos, brancos  
 Se eu quero pixaim, deixa  
 Se eu quero enrolar, deixa  
 Se eu quero colorir, deixa  
 Se eu quero assanhar,  
 Deixa, deixa a madeixa balançar.

(Bis)

... fui claro.

### **Candidato CaôCaô**

#### [Bezerra da Silva](#)

Ele subiu o morro sem gravata,  
 dizendo que gostava da massa, foi lá na

tendinha bebeu cachaça, até  
 bagulho fumou, entrou no meu barracão e lá  
 usou

lata de goiabada como prato, eu  
 logo percebi é mais um candidato para a

próxima eleição (2X)

Ele fez questão de beber água da  
 chuva, foi lá no terreiro pedir ajuda, bateu

cabeça no gonga, mas ele não se  
 deu bem porque o guia que estava

incorporado

ele disse esse político é safado  
 cuidado na hora de votar, também disse  
 meu

irmão se liga no que eu vou te  
 dizer, depois que ele for eleito não arruma

emprego pra você, meu irmão se  
 liga no que eu vou te dizer, depois que ele  
 for

eleito manda os homens te  
 prender...

**Salve o Negro Nagô**

Luiz Caldas

Compositor: Luiz Caldas

Senhorio pediu pr'o negro se abaixar

Mas o negro foi "negro" e não se abaixou

Abençoou o pobre branco

E foi pr'o terreiro na palma da mão e cantou:

Salve o Negro Nagô!

Salve o Negro Nagô! Oxalá! ...

Que a gente quer casa p'ra morar

Senhorio parou p'ra pensar e se envergonhou

Da maneira indiscreta que sua cabeça pensou

Pois bem antes de tudo estar aqui

Nem existia o senhor

Mas meu povo foi para o terreiro

Na palma da mão e cantou:

Salve o Negro Nagô!

Salve o Negro Nagô! Oxalá! ...

Que a gente tem filhos p'ra criar

Hoje em dia alforria de branco tem muito valor  
Pois se sente na pele aquela nossa velha dor  
Pois trabalha e dá fruto que tanto buscou  
Recomeça a batalha p'ra arranjar dinheiro pr'o usurpador

Salve o Negro Nagô!

Salve o Negro Nagô! Oxalá! ...

Que a gente tem gente p'ra salvar

Vida de negro é difícil! Vida de negro é difícil!

Percebemos nessas canções diversas formas dos artistas se expressarem contra o preconceito racial percebidos por eles e certamente em alguns momentos de suas vidas já sofreram preconceito na pele, já que, nossa sociedade não poupa ninguém. Começamos por Chico César, um dos grandes artistas afros que defende a nossa etnia, paraibano que em diversas músicas de sua autoria exalta a beleza negra, religiosidade, musicalidade, características físicas, enfim nossa essência. Começamos pelo título: “Respeitem meus cabelos, brancos”; notamos aí que o artista usou a vírgula para dar o seu recado de que já não aceita mais a opinião das pessoas que o criticam por conta de seu penteado. A maioria das pessoas, em um primeiro momento, imagina que ele está se referindo aos cabelos embranquecidos pelo tempo.

Em contrapartida a música Fricote, Chico começa a destrinchar sua ideologia logo na primeira estrofe, vejamos: “Respeitem meus cabelos, brancos, Chegou a hora de falar, Vamos ser francos, Pois quando um preto fala, O branco cala ou deixa a sala, Com veludo nos tamancos, Cabelo veio da África Junto com meus santos.” Por essa estrofe percebemos a narrativa que tem acontecido ao longo da história brasileira, onde diversos cidadãos não foram ouvidos simplesmente por serem afros na indiferença gerada pelo preconceito. Seguindo com a fala sobre sua religiosidade, a qual muitas

vezes é contestada até por pessoas da mesma etnia. No decorrer da música ele exalta os tipos de cabelos afros, e os povos naturais do belo continente africano, ao final da canção ele ainda pergunta se foi claro.

Mas, cumpre dizê-lo, as massas revelam total incapacidade para apreciar o caminho percorrido.( FANON, 1968, p. 139)

É interessante o politicamente correto, porém deve ser posto em prática e divulgado amplamente em todos os níveis sociais, já que quando é para menosprezar o outro a sociedade brasileira vive com termo “na ponta da língua” e apesar de saber o significado de tais palavras pejorativas que vêm carregadas de preconceitos finge que não sabe; porém quando é para o uso de bom grado esquece – se de quando usar. Então o papel das escolas é primordial nesse aspecto, pois ela é a ponte entre a sociedade posta com suas ideologias engessadas, portanto preconceituosas e as novas gerações que estão no processo de formação ideológica, a batalha é árdua pela formação cultural de muitos alunos, pois eles pertencem a famílias que potencializam em seus pensamentos tais convicções, no entanto muitos estão dispostos a mudar.

Trata-se, conforme já apontou um sociólogo brasileiro, Oracy Nogueira, de um tipo de preconceito racial que considera básicas as “origens” das pessoas, e não somente a “marca” do tipo racial, como ocorre no caso brasileiro. Desse modo, o nosso preconceito seria muito mais contextualizado e sofisticado do que o norte-americano, que é direto e formal. A consequência disso sabemos bem, é a dificuldade de combater o nosso preconceito, que em certo sentido tem, pelo fato de ser variável, enorme e vantajosa invisibilidade. Na realidade, acabamos por desenvolver o preconceito de ter preconceito, conforme disse Florestan Fernandes numa frase lapidar.( DAMATTA, 1986, p. 25).

Conforme afirmou o sociólogo, o racismo à brasileira seria mais sofisticado do que o norte americano, pois funciona desde as origens de forma indireta e não formal, só que ao mesmo tempo é tão cruel com os que sofrem que muitos preferem negar as suas origens étnicas, como o Edson Arantes e tantos outros. Outro fator que prejudica ainda mais a boa relação étnica na sociedade é o racismo institucional. Os principais candidatos à presidência da república não levaram para os debates as questões étnicas, e mesmo assim a nossa cultura está repleta de exemplos de letras que dizem quase tudo em relação às convicções de cada grupo social, e concordando com o estudioso, meditemos em um samba do grande crítico social Bezerra da Silva para comprovarmos nossa afirmativa.

O racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-os inevitavelmente à sua trivialização e banalização. Essa barreira de insensibilidade, incompreensão e rejeição ontológicas do Outro encontrou, na América Latina, a sua mais elaborada formulação no mito-ideologia da “democracia racial”.(MOORE, 2007, p.23).

Notamos, conforme afirma Moore, que não há sensibilidade diante da falta de acesso, de modo majoritário, da população afro aos direitos sociais mais elementares como educação, habitação e saúde. Os principais cursos, escolas, institutos são predominado por brancos, a maioria dos moradores das periferias são afro descendentes, boa parte dos pacientes mal atendidos nos Hospitais são pardos. Tratando – se da participação política, os quadros dos órgãos do Executivo, do Legislativo e do Judiciário compõem-se exclusivamente de brancos, salvo raras exceções que confirmam a regra, nunca tivemos um presidente da nossa república negro, são pouquíssimos ministros no governo federal e o primeiro e único no STF teve que se aposentar sem motivo aparente, pelo menos não ficou claro a causa. Muitos bancos, comércio, linhas aéreas, universidades e estabelecimentos públicos e privados de todo tipo contratam apenas pessoas de raça branca, que por vezes são responsáveis pelas piores prestações de serviços à maioria da população negra.

Séculos de embates ideológicos serviram para aprofundar ainda mais as divergências existentes entre as etnias que formam o nosso povo e o preconceito velado

existente em nosso país muitas vezes é fruto de leis que não funcionam na prática, vejamos o que diz Fanom (1968)

O Estado que, por sua robustez e discricção, deveria imprimir confiança, desarmar, entorpecer, impõe – se ao contrário espetacularmente, exhibe-se, berra, brutaliza, levando assim o cidadão a acreditar que está em perigo permanente. (FANON, 1968, p. 136)

Dezenas de pessoas são mortas diariamente em nosso Brasil e pouca coisa é feita de fato para sanar este problema, apesar de termos diversas leis sobre tal questão, assassinatos sem motivos aparentes sempre estão nas manchetes dos jornais, e cada vez mais jovens perdem suas vidas. O preconceito racial bem como outros preconceitos não diminuirá infelizmente enquanto o Estado estiver na condição que Fanom 1968 afirma.

Os dados fazem parte do **Mapa da Violência (link isexternal)**, pesquisa realizada pelo sociólogo Julio Jacobo Weisfeldsz, baseada em dados oficiais do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde. De acordo com a pesquisa, são 82 jovens mortos por dia, 30 mil por ano, todos Considerações finais com idades de 15 a 29 anos. Entre os jovens assassinados, 77% são negros, e 93,30% deles são do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. (MUDA MAIS BRASIL, 2014, P. 1)

Entendemos que esse samba demonstra algumas “marcas” sociais que distinguem cada etnia ao longo dos anos, gravata simbolizando o lado dominante da situação, o discurso demagógico sempre presente nas situações em que o que está com segundas intenções em relação ao levar vantagens não se importa com as conseqüências, tenda, cachaça, bagulho, janta, barracão, lata de goiabada como prato e terreiro são elementos presentes em muitas comunidades presentes em todo o Brasil;

porém alguns desses sofrem preconceito na própria comunidade carente. Sendo assim muitas vezes são utilizados como armas ideológicas nas campanhas presidenciais, Lula sempre foi acusado de ser cachaceiro por seus opositores, Dilma foi criticada por alguns religiosos por visitar algumas praticantes de religiões de matizes africanas e até Eduardo Jorge foi execrado por defender a legalização da maconha.

Nossa missão histórica, para nós que tomamos a decisão de romper as rédeas do colonialismo, é regular todas as revoltas, todos os desesperados, todas as tentativas abortadas ou afogadas em sangue.  
(FANON, 1968, p. 1172)

Ao analisarmos Fanom, percebemos que os embates ideológicos sempre estarão presentes nas relações socioculturais, com isso devemos trabalhar com enfrentamento para que os conflitos relacionados aos étnicos sejam diminuídos em grande escala. Essa relação social conflitante infelizmente continua, já que sempre que são apresentados resultados de pesquisas sobre violência os afrodescendentes estão entre os mais prejudicados, ou seja, a grande maioria de jovens assassinados é dessa etnia.

Nossa tipologia das classes sociais vê na cúpula dois corpos conflitantes, as mutuamente complementares. O patronato de empresários, cujo poder vem da riqueza através da exploração econômica e o patriciado, cujo mando decorre do desempenho de cargos, tal como o general, deputado, bispo, o líder sindical e tantíssimos outros. Naturalmente, cada patricio enriquecido quer ser patrão e cada patrão aspira às glórias de um mandato que lhe dê, além de riqueza

a, o poder de determinar o destino alheio. (RIBEIRO, 1995, p. 208)

Conforme diversos estudos, percebemos embates em torno de questões étnicas ao longo dos anos em todas as esferas do poder e da sociedade, entendemos que um dos fatores que mais dificulta a ação da justiça em fazer cumprir a lei referente a punições nesse seguimento é a negação do acusado de cometer tal crime. Além disso, o corporativismo impera o preconceito velado que está presente em forma de piadas de mal gosto, provérbios populares, músicas, contos, novelas, filmes, enfim nas mais diversas manifestações culturais, como estudamos acima desde Gregório de Matos Guerra até “Sexo e as Negas” de Miguel Farabela, veiculado pela Rede Globo.

O racista nega esse quadro e, o que é pior, justifica-o. Ele combate de maneira ferrenha qualquer proposta tendente a modificar o status quo sociorracial, usando dos mais variados argumentos universalistas, integracionistas e republicanos. Todos os argumentos apresentados em sentido inverso, todas as estatísticas aduzidas para demonstrar a prevalência, na América Latina, de um espantoso quadro da opressão racial são insuficientes; o racista é imune a tudo quanto não sejam as razões para a manutenção dos privilégios unilaterais que desfruta na sociedade. (Moore, 2007, p. 23)

### **Capítulo III: A cultura Racista das Instituições**

#### **III.I: Racismo institucional**

O termo Racismo Institucional surgiu na década de 1960 através do Movimento Negro Norte americano, mas foi definido apenas na década de 1990 na Inglaterra, como resposta ao assassinato do jovem negro Stephen Lawrence por uma gangue branca. O racismo é uma ideologia que se realiza nas relações entre pessoas e grupos, no desenho e desenvolvimento das políticas públicas, nas estruturas de governo e nas formas de organização dos Estados. Ou seja, trata-se de um fenômeno de abrangência ampla e complexa que penetra e participa da cultura, da política e da ética. Para isso, requisita uma série de instrumentos capazes de mover os processos em favor de seus interesses e

necessidades de continuidade, mantendo e perpetuando privilégios e hegemonias. Por sua ampla e complexa atuação, o racismo deve ser reconhecido também como um sistema, uma vez que se organiza e se desenvolve através de estruturas, políticas, práticas e normas capazes de definir oportunidades e valores para pessoas e populações a partir de sua aparência, atuando em diferentes níveis: pessoal, interpessoal e institucional.

Artigo publicado pelo Rio OnWatch mostra queda de 24% no número de homicídios entre brancos e aumento de 40% entre população negra. “Aqueles que são negros e incapazes de pagar por sua segurança não têm acesso a esses bens públicos (cercas elétricas, ou prédios de apartamentos com portaria e segurança, ou condomínios fechados) e, como resultado, estamos vendo as taxas de homicídio subindo cada vez mais”, diz Robert Muggah, diretor do Instituto Igarapé. (GELEDES, 2014, p.1)

O Relatório Macpherson, documento judicial relativo ao caso, ampliou a questão isolada do assassinato argumentando que não apenas os policiais que lidaram com o caso operaram de forma discriminatória, mas a própria instituição policial acionou dispositivos diversos de leniência que findou, no primeiro momento, com a absolvição de todos os criminosos. No Brasil dentre os mais variados casos temos dois emblemáticos, o pedreiro atropelado por Tor Batista que ia em alta velocidade pilotando uma Ferrari. O pedreiro viajava de bicicleta pela rodovia, era noite, vinha do serviço, sendo pobre e negro foi vitimado duas vezes, além de ser morto por atropelamento a “grande mídia” afirmou que ele vinha embriagado, ou seja, a verdade não foi posta a prova, também pudera, o confronto social era desleal, um bilionário com um pobre, uma Ferrari contra uma bicicleta. Outro caso foi o Amarildo pedreiro carioca que sumiu depois de uma blitz da polícia militar no Rio de Janeiro, assim como muitos irmãos de etnia ninguém sabe o verdadeiro fim de mais um afro descendente.

Os cantores da negritude não hesitarão em transcender os limites do continente. Vozes da América vão retomar este hino com redobrada amplitude. O "mundo negro" nasceu e Busia de Gana,

Birago Diop do Senegal, Hampaté Ba do Sudão, Saint-Clair Drake de Chicago não vacilarão em afirmar a existência de laços comuns, de linhas de força idênticas. (FANON, 1968, p.177)

Esses exemplos nos mostram que no Brasil o Racismo Institucional é informado por uma maneira notadamente peculiar de lidarmos com a questão racial. A ideia de que, pelo fato de não possuímos segregações raciais legitimadas por um aparato jurídico, e as distinções territoriais e simbólicas não serem nomeadas através de dualismos de cor como ocorre, por exemplo, nos Estados Unidos, construímos nosso cotidiano de forma harmoniosa no que diz respeito à questão racial, finda por legitimar o privilégio da população branca, silenciando parte considerável da população negra e perpetuando uma desigualdade que se mantém sempre sob o atributo da diferença social.

A esta altura das nossas indagações, algumas constatações parecem impor e com relativa evidência. Primeiro, que a hostilidade e o medo da cor especificamente negra é um fenômeno francamente universal que se encontra nos mitos e nas culturas de praticamente todos os povos não-negros. Essa primeira constatação, facilmente verificável por intermédio do exame dos mitos arquetípicos dos povos eurosemitas da Europa e do Oriente Médio, sugere, indubitavelmente, a ocorrência, em épocas longínquas, de graves conflitos entre povos melanodérmicos e leucodérmicos nessas regiões. Não vemos outra explicação válida para a ubiquidade da repulsa e do medo que causa a cor negra: “luto”, “tenebroso”, “maléfico”, “perigoso”, “diabólico”, “pecado”, “sujo”, “bestial”, “primitivo”, “inculto”, “canibal”, “má sorte”...(KabenleMunnanga, 49)

A forma de trabalharmos com a questão étnica, a tão propalada Democracia Racial, foi amplamente teorizada e legitimada por escritores brasileiros e dentre eles se destaca Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala* que, ao se apresentar como um estudo histórico factível da nossa constituição societal, clama por uma sociedade estruturada de maneira notadamente harmoniosa no quesito racial.

Para Freyre, o tão chamado elemento português não possuía preconceito de raça e sim, apenas de religião. Um dos argumentos de sustentação da sua tese é a abertura do português para a miscibilidade que acabou obnubilando as demarcações raciais, garantindo uma convivência pacífica.(MORAES, 2013, p. 13).

Por sermos uma sociedade miscigenada cultural e historicamente as diferenças financeiras e sociais entre quem participava ou não dessa exuberância econômica eram enormes. Entre os negros, os que figuravam como maioria na periferia do empoderamento econômico e social, crescia o número de mães solteiras, desempregados, debilitados pelo vício no álcool, praticantes da prostituição e da criminalidade, um triste fenômeno que causou durante séculos – e ainda causa – terríveis distorções associadas à pele escura.

Relembrar à sociedade o processo verdadeiro por meio do qual se constituiu realmente a Nação traz também o desafio de se criar um terreno favorável para a implementação de medidas públicas tendentes a reduzir o impacto histórico cumulativo que teve a escravidão sobre aqueles brasileiros, hoje a metade da população, que se encontram confinados, em sua maioria, nas posições sociais de maior precariedade.( MORAES, 2013, p. 27)

Conforme Petrônio Domingues (2005, p. 125) a construção ideológica da figura do mulato (mestiço, pardo, moreno ou termo similar), no Brasil, serviu para amortecer o choque racial. “Como os negros constituíam, desde o período colonial, a maioria da população, e os brancos uma minoria, fabricou-se uma categoria intermediária, o mulato, que servia como válvula de escape para a tensão racial.” Esse fator – ou a inexistência dele – de uma nação miscigenada onde há mais “moreninhos”, “cor de café com leite”, “brancos sujos” (além de tantos outros eufemismos empregados) do que negros que se nomeiem ou sejam nomeados como tal, é uma característica do nosso racismo.

Vejamos o que diz Moore 2007.

Essa forma de auto-engano tem constituído um obstáculo sério ao avanço da sociedade, tanto na África do Sul quanto no Brasil. Mas, graças aos esforços perseverantes de décadas do movimento social negro brasileiro, uma parte crescente da sociedade tem identificado a “democracia racial” como uma perigosa falsa visão. Com isso, abrem-se novos espaços para a instituição de um debate fecundo sobre todos os aspectos da construção de uma nova sociedade e uma nova Nação brasileira no século XXI. (Moore 2007, p.24).

Essa estrutura de classes muitas vezes forjadas e fomentadas pela “grande mídia” engloba e organiza todo o povo, operando como um sistema autoperpetuante da ordem social vigente. Seu comando natural são as classes dominantes. Seus setores mais dinâmicos são as classes intermediárias. Seu núcleo mais combativo, as classes subalternas. Os embates promovidos em torno da comissão de Direitos Humanos na Câmara, onde os deputados Pastor Marcos Feliciano e Jean Willis protagonizaram diversos embates que na prática revelou – se como meio de captação de votos para ambos. Entendemos que dessa forma funciona questões relacionadas as etnias, por isso muitas vezes as próprias instituições educacionais ficam alheias as normas que lhe dizem respeito.

Seu componente majoritário são as classes oprimidas, só capazes de explosões catárticas ou de expressão indireta de sua revolta. Geralmente estão designadas com seu destino, apesar da miserabilidade em que vivem, e por sua incapacidade de organizar-se e enfrentar os donos do poder. (RIBEIRO, 1995, P.209)

O Brasil, atualmente, sinaliza aos olhos do mundo possibilidades de transformações importantes. De natureza inédita neste hemisfério, a Lei 10.639/2003, potencialmente transformadora, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileiras nos estabelecimentos públicos e particulares, incluindo o estudo da história da África e dos africanos. Se aplicada com o requerido vigor e rigor, essa medida poderia ter um impacto permanente nas consciências das gerações vindouras.

### **III.II: A cultura afro - brasileira nos livros didáticos**

Apesar de estar explícito na Carta Magna de nosso país, lei maior de nossa nação, muitos desconhecem os reais objetivos de uma educação transformadora para uma comunidade escolar

(...) assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça, como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundadas na harmonia social (...). (BRASIL, 1988, p. p.1)

A realização de um processo de ensino/ aprendizagem comprometido com a construção de uma visão crítica, e direcionado ao exercício da cidadania, bem como o respeito às diversidades e conhecimento da pluralidade cultural constitutiva da identidade nacional brasileira, um olhar reflexivo sobre nossa prática docente revela – nos o fosso ainda existente entre o universo acadêmico e a realidade do “chão da escola”. Assim, podemos observar que temáticas atualmente privilegiadas nas produções acadêmicas, mostram – se ausentes, ou são abordadas de forma superficial e equivocadas nos livros disponíveis a alunos e professores do ensino fundamental e médio.

Depois da promulgação da lei 10. 639/ 03 percebem – se várias produções de livros e matérias, didáticos e paradidáticos, que contribuem de certa forma com a valorização de textos e imagens de afros – brasileiros e africanos no intuito de desmistificar alguns estereótipos desse grupo populacional. Essa lei pretende obrigar inserção de conteúdos de história e cultura afro – brasileira e africana em disciplinas de todos os seguimentos de ensino. No entanto entendemos que somente os conteúdos da lei não são suficientes, já que esses devem ser expressos de forma valorativa, no que refere às construções culturais, textuais e imagéticas, desse seguimento social no cotidiano escolar e nos materiais a serem incluídos no fazer educativo.

Nesse sentido, questões como as religiosidades afros – brasileiras, que nos ocupam no momento, quando não são completamente negligenciadas, são apontadas de forma preconceituosa e simplista. As religiosidades populares mostram – se espaços

privilegiados de compreensão das tensões cotidianas, cosmogonias, anseios e medos dos agentes sociais envolvidos no processo histórico analisado. O que contraria da ideia largamente o senso comum de que religião não se discute. Dificilmente encontraremos nos livros didáticos referência explícita de elementos de culto aos orixás, e se houver certamente a censura que está arraigada na mentalidade de muitos professores contribuem para que o texto seja apenas informativo; não se discutindo os principais elementos religiosos dessa vertente espiritual.

Vejamos a seguir uma música de Rita Ribeiro, um novo estilo, o tecnomacumba.

### **Cavaleiro de Aruanda**

ô lua Branca lê uê

ô lua Branca lê uá

Quem é o Cavaleiro

Que vem de Aruanda

É Oxóssi em seu cavalo

Com seu chapéu de banda

Quem é o cavaleiro

Que vem de Aruanda

É Oxóssi em seu cavalo

Com seu chapéu de banda

Ele é filho do rei

Ele é filho da mata

Saravá nossa senhora

A sua flecha mata

Ele é filho do rei

Ele é filho da mata

Saravá nossa senhora

A sua Flecha mata

Vem de Aruandauê

Vem de Aruandauá

Vem de Aruandauê

Vem de Aruandauá

Vem de Aruandauê

Vem de Aruandaauê!

quem é este cacique

glorioso e guerreiro

montado em seu cavalo

desce no meu terreiro

quem é este cacique

glorioso e guerreiro

montado em seu cavalo

desce no meu terreiro

Ele é filho do rei

Ele é filho da mata

Saravá nossa senhora

A sua flecha mata

Ele é filho do rei

Ele é filho da mata

Saravá nossa senhora

A sua Flecha mata

Vem de Aruandauê

Vem de Aruandauá

Vem de Aruandauê

Vem de Aruandauá

Vem de Aruandauê

Vem de Aruandauê!

ô lua Branca lê uê

Quem é o Cavaleiro

Que vem de Aruanda

É Oxóssi em seu cavalo

Com seu chapéu de banda

A importância do estudo das religiões afrodescendentes, e a discussão de algumas possibilidades dialéticas e didáticas em torno das mesmas, contribuindo para a minimização do descompasso entre as produções historiográficas e o conhecimento histórico difundido nas escolas. A seleção do universo de pesquisa bibliográfica resume – se a dois livros de Língua portuguesa do ensino médio, denominados de A e B.

No livro A desde o primeiro momento percebemos algumas questões “interessantes” no início da obra no assunto textos e graus de formalidade da linguagem temos textos de horóscopo, bullying dentre outros assuntos, não se trata de etnia diretamente mas na página 13 uma imagem nos chama a atenção; uma tirinha com três jovens, um loiro, um ruivo e o afrodescendente, o único que não tem voz, apenas ouve é

o afro. Tudo bem que pode ser por acaso ou por conta da lei 10. 639/ 03, se assim fosse por que não aproveitou a oportunidade de fala sobre o bullying e comenta sobre o racismo, já que são dois males que devem ser evitados. Um pouco mais adiante nas páginas dezesseis e dezessete na primeira unidade com o título: “Se eu me lembro bem...” temos reprodução de treze fotografias e nenhuma delas representa pessoas negras e indígenas, no entanto aparecem pessoas brancas e loiras. Paola Gentili, em um artigo da Nova Escola, destaca a questão da desvalorização dos conteúdos referentes à temática:

O pouco caso com a cultura africana se reflete na sala de aula. O segundo maior continente do planeta aparece em livros didáticos somente quando o tema é escravidão, deixando capenga a noção de diversidade de nosso povo e minimizando a importância dos afro – descendentes. ( GENTILE, 2005p. 42).

Na unidade dois tendo por título Lenda inicia – se com o texto “As proezas de Macunaíma” de Alberto Costa e Silva na página quarenta e cinco, descreve um pouco os poderes mágicos do personagem principal, mas não cita as etnias que acreditam em tais poderes, nem muito menos as religiões de matizes africanas e afro – brasileiras. Cita indiretamente o machismo presente na obra, mas nada em relação às etnias afrodescendentes e indígena. Na página cinquenta com o título O Modernismo brasileiro e a obra de Mário de Andrade, a obra escolhida do referido autor é Macunaíma, obra conhecida por seu teor cômico e ao mesmo tempo crítico, dar destaque às três etnias que formaram o povo brasileiro. O principal destaque para essa situação é a questão número um: “Macunaíma nasce numa tribo **indígena**, de cor **negra** e se transforma em um príncipe **branco**. Seguindo a questão temos a letra a) O que esses dados podem simbolizar? A letra b) Que frase do texto comprova a intenção do autor ao construir esse símbolo?” A reflexão para por aí a não ser na sugestão de resposta, a qual diz que essas etnias foram responsáveis pela fusão social e fizeram parte do início da formação do povo brasileiro. Tudo bem essa obra está certa em parte, pois de fato elas foram fundamentais para a formação da nação brasileira, no entanto ainda estão presente em nossa sociedade e certamente fazendo inferências em nosso cotidiano inclusive nas questões religiosas, culinária e educacional. Outra problemática foi o destaque conferido às etnias na questão. Segundo o documento oficial, a lei 10. 639/ 03

(...) altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro – brasileira e dá outras providências. (BRASIL, 2006, 10).

Na unidade três com o título Memórias não percebemos nenhuma evidência de destaque, pelo menos nos textos trazidos nela, mas em um exercício na página oitenta e três algo nos chamou a atenção, uma imagem de uma pessoa afrodescendente com um notebook e vários livros à mesa, sem nenhum texto referente; porém bem ao lado dessa figura temos a décima questão: a) “Espero ardentemente que o **cujo** não me procure mais. (Cujo= sujeito, indivíduo)”; b) “O que seria do **vermelho** se todos gostassem do **branco**?”; c) “Seus **ais** no leito de morte eram angustiantes”; d) Ler é fundamental para escrever bem; e) Ela bradou um **jamais** definitivo! Utilizando – se do conteúdo derivação imprópria ou conversão a obra A em um primeiro momento trouxe a imagem de afro, podendo ser para valorizar a lei de incentivo a cultura e história dos afros – brasileiros e africanos utilizou – se do jogo de imagens e sentidos das palavras para desmerecer a história de luta, tudo isso nas entre linhas é claro, portanto para percebermos essa artimanha basta observarmos as frases e seus sentidos aliados ao contraste da página. O material, intitulado “orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico – Raciais é rico em conteúdo, com uma articulação teórico – prática fundamentada em diversos autores especialistas no assunto. Dessa forma infere – se que o material publicado visa

(...) cumprir o detalhamento de uma política educacional que reconhece a diversidade étnico – racial, em correlação que a publicação seja recebida pelas escolas, por gestores/ as e educadores/ as, como um importante subsídio para o tratamento de diversidade na educação (BRASIL, 2006, 13)

Narrativas de memórias mais um conteúdo que poderia muito bem ser explorado algumas narrativas contendo elementos culturais afrodescendentes não foi aproveitado e para completar seguindo esse assunto temos na página noventa e sete a reprodução de duas obras, a primeira A negra de Tarsila do Amaral e a segunda Aldeia italiana de

Fulvio Pennacchi, obras renomadas, apesar da fama incontestável dessas obras de arte vejam seus conteúdos, *A negra* representa uma pessoa solitária e aparentemente triste, nua e sentada em um canto, sua cor da pele contrasta com o ambiente. A segunda obra traz várias pessoas nas mais diversas atividades diária, mostra o movimento da vila, a união das pessoas o céu azul ao fundo dentre outras características que valorizam a imagem. Será *A não* quer repassar nas entre linhas que os europeus são unidos e ativos enquanto que os negros são solitários e passivos? Seja qual for a intenção é importante a versatilidade dos professores para trabalhar com outros pontos de vista, já que:

A educação constitui um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (DCN, 2004, p. 7)

O Brasil, sob muitos olhares é mais um dos temas trabalhados em *A* que são bem interessantes pois traz diversas letras musicais dos mais variados gêneros, músicas como “o menino da porteira”, “Tristeza do jeca” e “Luar do Sertão”, textos musicais bem interessantes que falam de sentimentos e emoções do eu poético. Porém não percebemos nenhuma evidência de reggae, funk, samba, pagode ou axé, nenhuma que fale de alguma característica negra. Para concluir o tema das canções na página cento e dezessete há fotografias de Cláudia Leite, Jorge Ben Jor, Pinxinguinha e Sérgio Reis, nada além mais do que as legendas da foto de cada artista. Jorge Amado um dos grandes escritores brasileiros tem fragmentos de duas de suas obras *Gabriela, cravo e canela*, e *Capitães da areia*; não fazem referência a negritude baiana em nenhum momento do capítulo.

No capítulo doze temos o tema: “Discurso político” o qual inicia – se com dois artigos de opinião, o primeiro trazendo o título: “Cota valida teses racistas” de José Roberto Militão e o segundo “Cotas enriquecem universidades”, na de mais no primeiro momento, no entanto há algumas palavras destacadas em ambos os textos, no primeiro as palavras destacadas são mais conhecidas do grande público e ainda temos alguns

filósofos Aristóteles e ainda Emmanuel Kant, por sua vez o segundo não tem nenhum filósofo em destaque e suas palavras grifadas são desconhecidas de boa parte do público. A unidade referente a literatura africana tem um bom destaque, vai da página trezentos e vinte e sete até a trezentos e quarenta e seis, há textos em forma de poema e em forma de prosa, autores dos países de expressão portuguesa.

A articulação entre a aprendizagem contínua do professor em seu ambiente de trabalho e os aspectos relativos à sua profissionalização proporciona o rompimento com um modelo de formação pautado pela concepção racionalista e, desse modo, possibilita a elaboração de um novo modelo que seja capaz de contemplar a complexidade da função docente nos dias de hoje. Para tanto, a análise de suas necessidades formativas se apresenta como um instrumento de pesquisa e um processo de formação capaz de contribuir para o desenvolvimento profissional do professor. (LIMA, 2010,p. 6)

O Livro B na página dezesseis temos a reprodução de uma foto de um morador de Canudos temos uma legenda além da apresentação da foto: “Pobre a abandonada pelos governos estadual e federal, a população foi facilmente influenciada pelo discurso social e religioso de Antônio Conselheiro”. O texto é aceitável pois na referida página temos uma crítica às formas de proceder dos governos da época, com os títulos “Canudos: miséria e violência” e Os sertões: o Brasil esquecido, as inferências sobre as dificuldades sociais enfrentadas pela população sertaneja vão além dos títulos.

Os indícios das formações étnicas da obra Macunaíma existente em outros livros didáticos bem como no filme e na obra original, Nesse livro B não há qualquer ênfase a etnia negra mais sim o momento que ele fica branco na água encantada. Essa obra poderia ter explorado as diferenças de oportunidades geradas pela cor da pele, além do sofrimento destinado àqueles que foram renegados e maltratados por ser negros. Essas informações estão nas páginas noventa e oito e noventa e nove.

Diálogo entre a poesia de Manuel Bandeira e a literatura africana, esse é o título da sessão literatura comparada na página 113 do livro B, nesse aspecto percebemos um avanço em relação ao livro A, pois como o título da seção diz temos

uma análise sobre a influência que o escritor brasileiro tem sobre os escritores africanos, a referência para tais discursos está na obra do poeta cabo – verdiano Ovídio Martins (1928 - 1999)..

No capítulo onze com a temática: “O ENEM e os cinco eixos cognitivos” traz uma série de dicas sobre os exames além de produção textual tem uma gama de exercícios, a questão que mais chamou a atenção foi a de número três que aborda as religiões no Brasil no ano de 2007, através de um gráfico de pizza há uma distribuição das religiões brasileiras, na legenda enquanto a igreja Católica apostólica romana está soberana em números é seguida pela Assembleia de Deus e evangélicas pentecostais, sem religião, Batista e evangélica de missões, Espírita, umbanda e candomblé, Testemunha de Jeová, Católica brasileira e outras religiões. Percebemos que no geral não há diferenciação entre as religiões de matizes africanas e com houve citação no exercício deveria ter pelo menos um texto informativo sobre tal quesito. O educador deve disponibilizar tempo para pesquisa para pelo menos suprir essa falta de informação. Essa instrumentalização quanto aos termos citados, contribui no desenvolvimento de ações afirmativas referentes à busca identidade, desencadeando um processo de reconstrução e reorganização desse tema. Segundo Bernd (1994),

(...) a superação do racismo passa, pois, pelo desejo profundo de resolvê-lo, pelo reconhecimento de que enfrentar o racismo e seus duplos é tarefa de todos e de cada um, pois é o próprio homem, enquanto ser, que gera o humano. (BERND, 1994, p.58)

O romancista Jorge Amado tem sua vida social atrelada aos seus romances, Dona Flor e seus dois maridos, Gabriela, cravo e canela, tenda dos milagres são conhecidas mundo afora, porém as páginas do livro B destacada para esse autor só menciona Gabriela, cravo e canela, vagamente, não há referências sobre Tenda dos milagres e Dona Flor e seus dois maridos, assim como o livro A ele traz fragmentos da obra Capitães da areia e nessa página a cento e setenta e quatro, a quinta questão que nos chama a atenção: “A história contada em Capitães da Areia acontece em Salvador, capital do estado da Bahia, onde a população é, na maioria, formada por negros. No entanto, no decorrer da narrativa ficamos sabendo que Pedro Bala, a personagem principal da narrativa, é loiro”. Uma bela reflexão para o professor e alunos dialogarem

sobre as importância que cada indivíduo recebe, inclusive na literatura, seguindo a questão temos: a) Que elementos da cultura negra, típicos na Bahia são citados no trecho lido? R: O candomblé e Iemanjá; b) Na sua opinião, essa caracterização da personagem revela alguma atenção do autor? Qual? Sugestão de resposta: Sim. A intenção de mostrar que o problema do menor abandonado ocorre com crianças de todas as etnias”. É uma reflexão justa, mas por que não foi abordado outras obras do autor que demonstra com mais propriedade o misticismo baiano e portanto afrodescendente? Sempre há espaços para diálogos sobre elementos dispostos na lei 10. 639/ 03 inclusive as religiões de matizes africanas. Espaços que muitas vezes são interpretados de formas diferentes, diferenças essas que, se não forem bem mediadas num contexto de equidade motivam uma atmosfera de desigualdade , vejamos,

(...) na educação, nem sempre os agentes estão conscientes de que a manutenção dos preconceitos seja um problema. Dessa forma interiorizamos atitudes e comportamentos discriminatórios que passam a fazer parte do nosso cotidiano, mantendo e/ ou disseminando as desigualdades sociais. (CAVALLEIRO, 2001, p. 152).

Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa é o título do nono capítulo sobre literatura no livro B, esse capítulo compreende da página trezentos e setenta e oito até a trezentos e oitenta e cinco, está bem elaborada, pois traz informações sobre os escritores dos principais países africanos de expressão portuguesa, a começar por Angola com o escritor Petetela trazendo um breve levantamento histórico da literatura naquele país, em seguida Moçambique que através de diversos escritores e agora com Mia Couto está no cenário da literatura mundial e por fim Cabo Verde com sua expressão literária, não foi citada Guiné Bissau, mais já é um começo.

#### **IV Considerações finais**

Com uma nova estrutura pedagógica e metodológica, os estudos nas áreas de língua portuguesa, abrangendo Literatura, gramática e produção textual além dos temas transversais podem ser grandes aliados na melhoria do processo educacional, complementando as habilidades individuais, auxiliando a construção de um mundo que dá um sentido maior para a vida, criando uma dinâmica de aplicabilidade de políticas públicas de acessibilidade na efetivação do direito à educação. Dessa forma, e diante dos dados analisados, não podemos pensar em uma formação puramente tecnicista. A formação do educador deve fornecer-lhe subsídios a fim de que descubra um outro modo de agir, beneficiando a aprendizagem de seus educandos.

Na maioria das disciplinas com o uso das tecnologias, o educador leva fórmulas ou atividades prontas para os educandos, ou seja, restringe-se a “treiná-lo”. Com isso, torna-se praticamente impossível que os alunos reflitam sobre sua prática e sobre a importância da educação para a construção de uma nova sociedade. A área de linguagens leva certa vantagem com relação a produção e a disponibilização de novas práticas que podem permitir ao professor ter condições de escolha, definindo e encontrando recursos para transformar sua ação pedagógica, enriquecendo o ambiente de aprendizagem. Assim, acreditamos na integração das mídias digitais, na cooperação, no diálogo e na formação circular e progressiva proporcionada pela implementação de uma rede de compartilhamento que abarca vivências e experiências na formação de educadores e que engloba não apenas as dimensões cognitivas, mas principalmente a disseminação de uma consciência social, ambiental e interdisciplinar. Essa rede pode até ser informal como um grupo no facebook, devemos utilizar as mídias para a alimentação de nossas aulas e propagação de nossos ideais, já que, grupos preconceituosos usam.

Para o melhor aproveitamento dos materiais produzidos concernentes aos movimentos afros - brasileiros a utilização da rede de compartilhamento, deve ser organizada de uma forma que permita um forte intercâmbio educacional, além de desenvolver características importantes nos participantes da disciplina, tais como

aprender a fazer, desenvolver habilidades de comunicação, saber ajudar, saber aprender e saber ensinar e acima de tudo não ser preconceituoso. Essas características certamente influenciarão fortemente a educação inclusiva, o que poderá contribuir para tornar o processo de formação dos alunos mais humano e comprometido com o despertar de valores. Tal concepção permitirá implementação da ideia de aceitação da diversidade e respeito às diferenças, considerando a perspectiva de trabalho com sede em diferentes regiões brasileiras, e grupos étnicos e religiosos.

Acreditamos nas ideias supracitadas e nos benefícios de nossas ações, que permitem ao ser humano manter sua individualidade dentro do coletivo e que o coletivo esteja em sua alma individual, dando espaço à inclusão. Pelo exposto acima as experiências nas áreas mencionadas, continuaremos a desenvolver pesquisas destacando a importância do desenvolvimento de ações para a melhoria da escola pública. Nesse sentido, esperamos ter a oportunidade de continuar verificando as possibilidades de aplicação de nossas metas em ambientes escolares, tendo em vista a necessidade de acesso ao conhecimento das leis educacionais, social e escolar das PNE e para que todos os agentes educacionais tornem-se sujeitos ativos diante da quantidade de informações recebidas no dia a dia, uma vez que a legislação garante a formação global dos seres humanos.

## Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília (DF); Senado Federal, Centro gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **LEI Nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**, Brasília: Ministério da Educação, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 10. 639, de 9 de janeiro de 2003**, Disponível em [HTTP://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=236171](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=236171). acesso em 25 de Novembro de 2014

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação para temas transversais: Pluralidade Cultural**. Brasília (DF): MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Parecer nº CNE/ CP 003/ 2004 de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico – Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BROSSEAU, Marc. **Geografia e Literatura**. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDHAL, Zeny. (orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. pp. 17-77.

CANDAU, Vera Maria. (Coord.) **Somos todas iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti – racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: \_\_\_\_\_. CAVALLEIRO, Eliane org. Racismo e anti – racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **A Cidadania do Brasil: o longo caminho**. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens**. 3/ William Roberto Cereja, Tereza Cochar Magalhães. 9. Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CÉSAR, Chico, Respeitem meus cabelos, branco, <http://www.cifraclub.com.br/chico-cesar/respeitem-meus-cabelos-brancos/>, acessado em 13/ 11/ 2014 às 20: 13.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. **A vida dos grandes brasileiros: Machado de Assis**. São Paulo: Editora Três. 2001.

DAMATTA, Roberto Augusto, **O que faz do Brasil, Brasil?** EDITORA ROCCO LTDA. – Rio de Janeiro – RJ,1984

DUARTE, Eduardo de Assis. Machado de Assis afro-descendente. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida. 2. ed., 2007.

DUBET, François. **Mutações cruzadas: a cidadania e a escola**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, maio-ago. de 2011, p. 289-305.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968;

FARACO, Carlos Alberto. **O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica constitutiva** In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1996. p. 113-126.

FARACO, Carlos Emílio. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**/ Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura, José Hamilton Maruxo Junior, 2. Ed. – São Paulo: Ática, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GELEDES, <http://www.geledes.org.br/brasil-tem-ficado-mais-inseguro-para-negros/#axzz3J8mGCHcl>, acessado em: 15/11/ 2014 às 14: 44;

LACERDA.Genival, Galeguim do Zói azul, disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/genival-lacerda/galeguim-do-zoi-azu/>, acessado em 14/11 2014. Às : 8: 03.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Atmed, 1997.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós modernidade**: Rio DP&A, 1998.

HALL, S. Quem precisa de identidade. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_, S. A identidade cultural na pós-modernidade. **A identidade em questão**, Rio de Janeiro: DP&A, 2006, v. 11.

HARVEY, D. **The Condition of Post-Modernity**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LACLAU, E. **New Reflections on the Revolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

CAUDA, Luiz, Fricote disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/luis-caldas/fricote/>, acessado em: 14/11/ 2014, às 8:10;

CAUDA, Luiz, Salve o negro nagô: disponível em <http://www.cifraclub.com.br/luis-caldas/salve-o-negro-nago/>, acessado em: 14/ 11/ 2014. Às 8:31;

MORAES, Fabiana..**No país do racismo institucional** : dez anos de ações do GT Racismo no MPPE / Coordenação Assessoria Ministerial de Comunicação Social do MPPE, Grupo de Trabalho sobre Discriminação Racial do MPPE - GT Racismo. -- Recife:Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

Muda Mais Brasil, <http://mudamais.com/ruas-e-redes/cada-duas-horas-sete-jovens-negros-sao-assassinados-no-brasil>, Acessado em 12/ 11/ 2014, às 19:25;

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica. 3. ed., 2009.

PEREIRA, M. V. **Estética da Professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor / Marcos Villela Pereira. – Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

RABELO, A. O. **Memória e subjetividade**: elementos para refletir sobre a singularidadedas professoras. Revista Educação, Santa Maria v. 32 - n. 01, p. 183-200, 2007 183. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Data de acesso: 02/09/2014.

RIBEIRO, Darcy, **O Povo Brasileiro** A formação e o sentido do Brasil  
Companhia das Letras – 1995 São Paulo, 2ª Ed.

RIBEIRO, Rita Cavaleiro de Aruanda, [http://www.kboing.com.br/playlist/1-1047641\\_1013333\\_1047642\\_1047643\\_1047644\\_1047645\\_44299\\_1047648\\_1047649/](http://www.kboing.com.br/playlist/1-1047641_1013333_1047642_1047643_1047644_1047645_44299_1047648_1047649/), acessado em: 15/ 11/ 2014 às 9:33;

RIO, João do. **A Alma encantadora das ruas**. Niterói: Imprensa Oficial. 2007.

SILVA, Bezerra da, Candidato Caô Caô, Disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/bezerra-da-silva/candidato-cao-cao/>, acessado em 12/ 11/ 2014;

SILVA, Tomaz Tadeu, **Discurso e identidade**: o currículo multiculturalista, In: Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 85 90.

SILVA, T. (Org) **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu, **Discurso e identidade**: o currículo multiculturalista, In: Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 85 90.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Formação de Professores: Políticas e Debates**. São Paulo: Papirus, 2002.